

A "REVISTA ILUSTRADA"

Duílio BATTISTONI FILHO

O século XIX costuma ser encarado, ainda hoje, por alguns historiadores e artistas, como um período da cultura brasileira que produziu apenas um determinado tipo de arte - o academismo - o qual se manteve rígido, até que, no século XX, novas propostas artísticas promoveram uma ruptura de ordem estrutural nos padrões artísticos de então, condenando-os ao desaparecimento. A denominação de um período tão extenso e fecundo por um só rótulo faz supor o caráter monolítico e invariável da arte brasileira desta época, o que não ocorreu.

Estudos recentes vêm procurando revalorizar a arte desse período desvendando as diversas formas através das quais ela se manifestou. O século XIX é uma fase importante da História da Arte brasileira e não deve ficar restrito apenas às dimensões de uma qualificação simplista.

A pesquisa sobre a **Revista Ilustrada** pretende, assim, integrar-se, como forma de contribuição, ao conjunto de trabalhos que tem procurado promover uma reavaliação da importância deste momento artístico em nossa formação cultural. Particularmente para o caso da arte na imprensa, procuramos subsídios para o enriquecimento dos estudos das formas alternativas de arte, no período histórico em que a presença da Academia Imperial de Belas Artes era por demais influente ao ditar normas em seu meio artístico.

A importância que a historiografia artística tem dedicado a este período é ainda relativa. Quando se fala na **Revista Ilustrada** ou em outra folha congênere, pensa-se, de imediato, na caricatura, sendo esta considerada, não raro como um gênero de arte menor. Entretanto, numa época em que faltavam as técnicas modernas de reprodução de imagens nos jornais, como o clichê fotográfico e a ilustração - a caricatura - constituía um importante meio de comunicação e expressão artística.

A propósito, ressalte-se que o primeiro caricaturista brasileiro não foi nenhum dos nossos fazedores de bonecos, muitas vezes mais vivos do que seus irmãos de carne e osso. Foi um homem, não do lápis, mas da pena, o insuspeito frei Vicente do Salvador, prosador dos melhores do passado e autor de uma monumental **História do Brasil**. Da caricatura brasileira, pode-se, portanto, dizer, como da criação do mundo segundo a Bíblia, quando o espírito de Deus pairava sobre as águas: no princípio era o Verbo. Foi, pois, a palavra o primeiro instrumento de que se serviu o nosso primeiro caricaturista, um baiano corajoso em apontar as mazelas do governo português. A caricatura de frei Vicente não visa apenas, individualmente alguns dos reinóis imperantes na colônia, mas a todos os que desde os princípios da nação brasileira teimam em travar a máquina administrativa do país.

Antes da chegada da família real ao Brasil não se permitia a publicação da caricatura, que somente aparecerá quando da decretação da Imprensa Régia, em 1808, pelo príncipe-regente D. João. Com o desembarque da comitiva real portuguesa vamos assistir a um desfile de tipos bizarros, estranhos para a população, burlescos, alvos de chacota como: fidalgos orgulhosos de sua ascendência, nobres matronas, almotacés, estribeiros-mores e damas fidalgas a serviço das senhoras da família real. No dizer de Monteiro Lobato “vem muito abatida a real majestade, a suar grosso, com as mãos gorduchas procurando endireitar as amolgaduras da coroa; na testa traz o vinco azedo das más digestões, não consegue digerir o general Junot”.

Francisco Marques dos Santos no seu trabalho *As Belas Artes na Regência* afirma que a primeira caricatura brasileira foi publicada pela Oficina Litográfica de Victor Larée, do Rio de Janeiro, a 14 de dezembro de 1837, conforme se lê no *Jornal do Comércio*, no seu número 277. Consistia em uma prancha solta, para venda avulsa, mostrando o jornalista Justiniano José da Rocha servilmente de joelhos no meio da rua, para receber das mãos de um fidalgo da Corte um saco de dinheiro marcado com o salário do diretor do Correio Oficial; vê-se ainda, ao fundo da cena, um grupo de jornalistas, fugindo com repulsa à oferta palaciana. O caricaturista estigmatizava assim o procedimento de Justiniano, deixando um jornal independente, para dirigir o órgão do governo. É preciso destacar que com o surgimento das caricaturas avulsas terminadas em 1840, Frederico Briggs as reúne em um álbum com o título de “Costumes Brasileiros”.

A historiografia, contudo, não tem atribuído o valor devido à ilustração na imprensa, levando-se em conta a importância deste gênero artístico como uma técnica de gravura, principalmente a litografia. A obra mais importante sobre caricatura, de autoria de Herman Lima, intitula-se

“História da Caricatura no Brasil” e representa um estudo profundo desta representação burlesca entre nós, desde o início do século XIX à década de 60 do atual, apesar da superficialidade em que é tratada a **Revista Ilustrada**, em especial de Angelo Agostini, seu criador. Nos demais trabalhos que destinam a este período algum espaço, nota-se, com muita frequência, a ausência de um modelo teórico que sirva de lastro histórico, não apenas do periódico em questão, mas da imprensa ilustrada, que se apresenta como contexto ou pano de fundo do objeto de averiguação do pesquisador. Resulta daí a execução de trabalhos, sem dúvida importantes, mas que apenas fornecem um conjunto de referências documentais, dentro de um discurso laudatório, e que ressentem, entretanto, de uma visão crítica por parte do observador.

Tendo em vista as justificativas acima arroladas faremos uma análise histórica da **Revista Ilustrada**, com ênfase para seu discurso artístico, tanto em seus aspectos formais como de conteúdo, situando-a em seu contexto histórico e destacando as relações mantidas com a sociedade de então. Pretende-se averiguar a importância de sua presença no meio artístico, como expressão de um tipo de arte não alinhada à Academia Imperial de Belas Artes. Dentro do conjunto de metas estabelecidas a priori para o desenvolvimento desta palestra, pretendemos, ainda, desvendar a importância de outros periódicos ilustrados na imprensa brasileira. Nossa proposta é a de estudar a arte deste período partindo da sociedade, enquanto referencial que reflita e represente parâmetros comuns aos diversos instrumentos culturais daquele momento histórico. Este ponto de vista é importante para se situar, comparativamente, a **Revista Ilustrada** entre outros periódicos circulantes na Corte, no momento em que se estuda o tipo de discurso político e para que público leitor era destinada sua publicação. Na verdade, não se trata apenas de buscar desvendar sua filiação sociológica, mas de, fundamentalmente, procurar pensar a **Revista Ilustrada** historicamente. As hipóteses que se firmam inicialmente para o desenvolvimento da tese num sentido objetivo são aqueles resultantes da reflexão em torno da ação deste heftdomadário e que não foram ainda inteiramente respondidas pela historiografia artística. O primeiro tópico que se tem a destacar é o de que a **Revista Ilustrada**, apesar de ter ficado conhecida como um jornal de caricaturas, não se firmou perante o público leitor apenas através deste gênero de arte, mas, sobretudo, pela arte da ilustração utilizada tanto como um veículo de notícias quanto de crítica. Estas ilustrações, em muitas vezes, demonstram um apuro de execução que denota a influência de nomes de relevo das academias européias. Por este motivo, pretende-se também avaliar a importância da **Revista Ilustrada** como veículo de vulgarização da arte dentro de nossa sociedade. Também representa

um exemplo típico da imprensa do Brasil oitocentista onde o trabalho de seu redator-chefe configura a feição editorial do jornal, numa linha sempre personalista. Desta maneira, estudar este periódico significa também avaliar o trabalho e a posição de Angelo Agostini, principalmente em sua contemporaneidade artística, tendo-o como condutor das influências exercidas por outros jornais artísticos e políticos europeus e, em corolário, por seus ilustradores.

Um outro aspecto importante a ser mencionado é que a **Revista Ilustrada** representou um papel, na comunidade artística de então, de arte alternativa, exercendo, inclusive, uma função crítica em relação ao ensino oficial da Academia Imperial de Belas Artes, denunciando, por vezes, seu conservadorismo.

Sob o ponto de vista político, a revista alinha-se à ideologia do liberalismo que permeava o Brasil a partir da segunda metade do século XIX, contribuindo, como veículo de propaganda, para as transformações importantes que se verificam no panorama social brasileiro - em resumo, a transição do modo de produção escravista para o capitalista - e político - com adoção da República.

O sucesso que a revista alcançou durante os seus mais de vinte anos de existência, deve-se ao fato de ter conseguido atingir um público que rapidamente crescia com o surto urbanístico verificado no Brasil, principalmente a partir da segunda metade do século passado e que configurava o surgimento de uma classe média com as características típicas de pequena burguesia. É no palco urbano que irão se desenvolver as principais atividades da esfera cultural e política, que refletiam a introdução de novas propostas sociais. A imprensa será o condutor deste debate que põe em evidência, principalmente, a questão do escravismo.

As artes visuais, desde a chegada da Missão Artística Francesa, no século XIX, apresentaram um desenvolvimento importante no sentido da criação de uma academia e a conseqüente institucionalização do ensino artístico no Brasil. A vinda dos professores franceses ocorreu no momento em que as artes plásticas estavam ainda dependentes das encomendas das ordens religiosas e de elementos ligados ao aparelho de Estado. Em sua época, o neoclassicismo apresentou um caráter modernizante, na medida em que introduzia no Brasil, em oposição ao Barroco e ao Rococó, uma temática laica, principalmente através da pintura e da escultura, e ainda refletia os ideais progressistas da burguesia européia, onde atuou como porta-voz dos movimentos revolucionários. O conservadorismo da sociedade brasileira, resistente às mudanças mais profundas, também se manifestou nas artes

plásticas no decurso do século XIX, sobretudo pela forma rígida com que a Academia Imperial de Belas Artes procurava normatizar os cânones artísticos, cerceando a iniciativa de renovação que emergisse da comunidade artística. Esta fase foi mais evidente durante a primeira metade desse século, época em que a arte dependia da tutela do Estado.

Entretanto, deve-se fazer referências às modificações importantes ocorridas já nas paletas de alguns artistas que absorveram a influência do romantismo, como foi o caso dos pintores Manuel de Araújo Porto Alegre e Felix Emilio Taunay.

No transcorrer da segunda metade do século passado, contudo, novos componentes surgirão e exercerão sobre a arte uma influência decisiva. Se, nos primeiros anos de funcionamento da Academia, os artistas mantinham uma relação de dependência com o Estado, que lhes garantia a sobrevivência através das encomendas que lhes fazia, é importante ressaltar que o surto urbanístico no século XIX trouxe consigo um novo público - típico da classe média urbana, pequenos industriais, comerciantes e profissionais liberais - o qual começará a participar de forma mais ativa no campo da arte, exercendo, o que era fundamental, o papel de comprador de objetos artísticos, criando, assim, embora incipiente, um mercado de arte. A questão referente ao surgimento de novas propostas artísticas em que o grupo Grimm pode ser apontado como um expressivo exemplo, tem sido encarada pela historiografia como um assunto estritamente circunscrito à esfera do ensino da Academia, mas não tem sido considerada a presença deste fator social para a compreensão do desenvolvimento artístico daqueles anos. Será principalmente a este público que a **Revista Ilustrada**, bem como os outros periódicos de sua época, procurarão atingir com os seus trabalhos.

Na ocasião, vários jornais artísticos surgiram no Rio de Janeiro. Muitos deles eram destinados à crítica política e possuíam uma linguagem, por vezes, vigorosa. A irreverência que estes jornais apresentam ao público não era, contudo, novidade na imprensa de então, devendo ser registrado que a imprensa de combate já se afirmara nas páginas dos pasquins no transcorrer da fase regencial, muito fértil no tocante às inquietações políticas. Os jornais tão somente dedicados à caricatura tiveram, em geral, vida efêmera e cedo incorporaram a ilustração como um gênero artístico que lhes permitia abranger um público maior.

Manuel de Araújo Porto Alegre, considerado como o introdutor da arte da caricatura entre nós já no ano de 1837, através de impressões litográficas avulsas, deve ser apontado como o principal e primeiro redator de um periódico ilustrado circulante no Rio de Janeiro nos anos de 1844 e

1845. Trata-se da “Lanterna Mágica”. Poderíamos apontar outros periódicos importantes como: A Marmota da Corte, mais tarde denominada Marmota Fluminense, onde além da litografia utilizada para a execução de figurinos femininos, aparece também a xilogravura como técnica de impressão, ao registrar fatos e costumes da época.

Artistas estrangeiros que estiveram no Brasil também colaboraram ou mesmo dirigiram alguns destes jornais ilustrados, como foi o caso de Sebastien Sisson, gravador da Ilustração Brasileira. A influência da caricatura francesa nos periódicos ilustrados do século XIX no Brasil é bastante significativa. Basta lembrar o Charivari, homônimo do jornal francês de Honoré Daumier, onde surgiu pela primeira vez, a estilização do perfil do imperador D. Pedro II no formato de uma castanha de caju. É peculiar a ação de periódicos ilustrados que surgiram dentro de um contexto específico e com propósitos dirigidos a uma determinada causa, como foi o caso do “Paraguai Ilustrado” - semanário asneirótico, burlesco e galhofeiro, que atacou Lopes e seu exército através da caricatura durante os primeiros anos do conflito entre o Brasil e o Paraguai.

O Mequetrefe deve ser considerado pelo importante papel desempenhado no período que se estendeu de 1875 a 1893. Foram seus colaboradores, na parte ilustrada, Cândido de Faria, Alves Vale, Joseph Mill e Aluísio de Azevedo, e na parte literária, Olavo Bilac, Artur Azevedo, Lúcio de Mendonça, Raimundo Correia, além de outros. Muitos desses periódicos só conseguiram sobreviver, entretanto, por alguns anos ou meses.

Dentre todos os periódicos ilustrados circulantes na Corte durante o século XIX, A **Revista Ilustrada** foi, sem dúvida, o semanário artístico de mais expressiva presença na imprensa daquele período.

Sua ação não se restringiu apenas aos limites da cidade do Rio de Janeiro, mas também a outras províncias do país, de norte a sul, atingindo um público bastante diverso. Não se mostrou tão somente um semanário político, mas também exerceu a função de, através da arte, informar e divertir. Embora utilizasse um discurso vigoroso e, às vezes, contundente, quando no tratamento de problemas políticos, a revista adquiria uma linguagem mais amena e humorística no trato dos assuntos cotidianos da cidade, do Brasil e do mundo, com resenhas noticiosas ilustradas, folhetins, contos, histórias em quadrinhos, acompanhamento constante de espetáculos teatrais circenses e musicais. Foi uma revista que atingiu a um público bastante amplo porque não dirigiu seus assuntos exclusivamente a setores por demais específicos da população. Tratou de vários assuntos, tanto da esfera política como também daqueles referentes ao cotidiano da cidade.

Outro fator que contribuiu para a ampla divulgação deste jornalismo foi a forma com que as notícias e críticas eram veiculadas ao público leitor. Costuma-se atribuir à sua feição ilustrada a razão da grande popularidade que obteve naqueles anos. A linguagem figurativa, entretanto, pode não ser acessível à maioria do público, quando se apresenta distanciada da própria realidade de seu espectador. O que determinou a referida difusão deste semanário foi a utilização de um discurso popular, extraído da experiência palpável da sociedade em que estava o jornal de Agostini inserido. Por isso, obteve por muito tempo, uma boa regularidade em suas publicações, com exceção de sua fase final, quando Agostini já não é mais seu redator artístico.

O primeiro número da **Revista Ilustrada** apareceu no dia 10 de janeiro de 1876. Era publicado todos os sábados e vendido na Oficina Litográfica a Vapor, na rua da Assembléia, nº 44, ou na Livraria Garnier, na rua do Ouvidor, nº 65 a 500 réis o exemplar, com assinaturas anuais a 16\$000 para a capital e 20\$000 para o interior e por todo o país, onde se concentrava a maior parte dos assinantes. Com uma tiragem de quatro mil exemplares, cifra jamais alcançada por qualquer outro jornal ilustrado na América Latina, a revista era de tamanho tablóide, composta de 8 páginas, sendo quatro de texto e quatro ilustradas.

O que predominava no seu trabalho artístico - tanto em sua feição caricatural como ilustrativa - era a elaboração do desenho com apuro, impresso pelo sistema litográfico, onde o gravador era o autor da composição. Observa-se o uso de meio tons, tanto para configurar volumes como para equacionar a iluminação da obra. Na caricatura, sobretudo, a presença do esfumino e da macrocefalia, típicos da época, era utilizada para a caracterização de personagens em relevo na política. Além da caricatura, encontram-se trabalhos, na revista, de retratística, alegoria, arte-reportagem e história em quadrinhos.

Monteiro Lobato acentuou a grande popularidade da **Revista Ilustrada**, levando seus artistas a viver durante muitos anos do produto das assinaturas, sem o desgosto de mendigar trabalho tão em voga durante a República.

Coube realmente a Agostini o mérito de ter consagrado a alta categoria da revista, já nos primeiros anos de sua publicação. Admitia um naturalismo mais convencional, pelo desejo de representação, com alguns influxos românticos, principalmente na utilização de elementos temáticos típicos a este estilo, como, por exemplo, a representação do país através da figura do índio ou a composição de várias ilustrações, onde predominam paisagens.

Natural de Farcelle, Itália, onde nascera em 1843, teve Agostini uma sólida formação como desenhista em Paris. Chegou ao Brasil em 1859 e, depois de rápida estada no Rio, fixou-se em São Paulo, onde fundou e ilustrou o *Diabo Coxo*, em 1864, tendo como um dos redatores, Luis Gama. Dois anos mais tarde trabalhou em *O Cabrião*, tendo como companheiro de redação Américo de Campos. Sofrendo perseguições políticas, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Depois de trabalhar em alguns periódicos, fundou a **Revista Ilustrada**, mantendo-a até 1891. Fundou também o *D. Quixote*, em 1898 e cooperou no lançamento de *O Tico-Tico*, em 1905, a primeira revista infantil publicada em nosso país. Finalmente encerrou suas atividades em *O Malho*, onde trabalhou até sua morte, em 1910. Recebeu o título de cidadão brasileiro pelos seus esforços na defesa da abolição da escravidão e por sua luta em prol da proclamação da República.

É preciso destacar que nas páginas da **Revista Ilustrada** o sistema escravista foi posto em evidência através de um discurso não apenas dramático e impessoal, como também em forma de denúncia, num tom dramático, ao relatar as injustiças do sistema refletidas no sofrimento de cativos que Agostini retratou. Fã incondicional da revista, Joaquim Nabuco chamou-a de “Bíblia da Abolição dos que não sabem ler”. A propaganda republicana também pode ser vista, inicialmente, de forma amena e depois mais intensamente nas folhas deste semanário.

A monarquia costumava ser retratada pelo artista como algo obsoleto, sustentada pelos elementos mais conservadores da sociedade, e a figura do imperador, em particular, foi alvo contumaz do lápis chistoso do caricaturista italiano. D. Pedro II era representado ora adormecido nas sessões do Instituto Histórico, ora de saio de Joaquina, aos pinotes com Lafaiete, no seu cavaleiro de pau, ora nas falas do trono que o punham de pernas para o ar, com manto, cetro e coroa. Muitas críticas eram feitas ao ministério. O Barão de Cotegipe era figurado de mil maneiras, normalmente representado com seu grosso nariz recurvado, todas, entretanto, mostrando sua habilidade política. Às vezes aparecia como “leão da fábula” açambarcando o melhor bocado. Outras vezes, como “macaco velho” que não metia a mão nas combucas dos Liberais.

A *Revista Ilustrada* é considerada o maior documentário ilustrado que qualquer periódico de nossa História conheceu, somente comparável ao que, de outra época, deixaram Debret e Rugendas, na fase anterior ao aparecimento da imprensa ilustrada em nosso país, mas com a superioridade de uma arte participante.

Lobato comenta que a Revista Ilustrada foi a coqueluche do fazendeiro. Quando este chegava cansado da sua faina diária no campo, apeava, entregava o cavalo a um negro, entrava, sentava-se na rede, pedia café à mulatinha e imediatamente abria a revista. Deleitava-se com os acontecimentos políticos que desfilavam perante os seus olhos e o seu rosto se iluminava de satisfação com o que lia, pois ali estava vendo o Brasil.

Em linhas gerais, tal periódico significou uma das várias tendências artísticas do século XIX e, em particular, para o caso dos periódicos ilustrados representou a síntese do que foi a ação da arte na imprensa oitocentista, com uma produção fecunda, cujo conteúdo merece uma reavaliação.